

A SIMULAÇÃO DA ESCASSEZ COMO DISPOSITIVO PEDAGÓGICO: LIMITES E POSSIBILIDADES DA EDUCAÇÃO FINANCEIRA NA FORMAÇÃO CIDADÃ

Juliana Reis da Silva ¹
Camila Xavier Vieira ²
Paula Geraldo Pereira ³
Denise Nascimento Silveira ⁴

RESUMO

Este relato de experiência analisa uma intervenção pedagógica realizada na disciplina de Educação Financeira com discentes do Ensino Médio em regime de tempo integral, em uma escola pública estadual de Pelotas/RS. A proposta foi fundamentada na simulação da gestão orçamentária de um núcleo familiar composto por cinco integrantes, submetido a um teto financeiro de R\$ 600,00 mensais destinados à subsistência, abrangendo alimentação e higiene. O valor foi deliberadamente definido com base em estimativas realistas da linha de pobreza urbana, visando aproximar a atividade da realidade socioeconômica vivida por muitas famílias brasileiras. O desenho da intervenção incluiu uma etapa de investigação empírica, na qual os estudantes coletaram dados de preços em estabelecimentos comerciais locais, sistematizando informações sobre unidades de medida, marcas e valores nominais. Essa imersão no cotidiano do consumo permitiu confrontar projeções teóricas com a materialidade dos custos reais. Posteriormente, os resultados foram socializados em formato de seminário acadêmico, com a apresentação de tabelas comparativas e infográficos elaborados pelos grupos. A dinâmica gerou intenso conflito cognitivo ao evidenciar a disparidade entre o orçamento simulado e o custo efetivo de manter uma família com dignidade. Um achado particularmente relevante emergiu da interseção entre o objeto de estudo e a subjetividade dos sujeitos: uma discente identificou na simulação a exata conjuntura de vulnerabilidade socioeconômica vivida em seu próprio domicílio. Esse episódio reforça a necessidade de uma Educação Financeira Crítica que vá além da dimensão instrumental do cálculo e promova uma leitura contextualizada das estruturas de desigualdade no Brasil. Conclui-se que a articulação entre investigação de campo e reflexão problematizadora potencializa tanto o desenvolvimento da consciência cidadã quanto a compreensão crítica das assimetrias sociais no âmbito da educação básica. A experiência demonstra que, quando ancorada na realidade dos estudantes, a educação financeira pode se tornar um espaço ético e político de formação humana.

Palavras-chave: Educação Financeira crítica, Ensino Médio, Simulação Orçamentária, Investigação empírica, Desigualdade Socioeconômica.

1 Mestranda pelo curso PPGECEM da Universidade Federal de Pelotas - RS, julianareis.matematica@gmail.com;

2 Mestranda pelo curso PPGECEM da Universidade Federal de Pelotas - RS, camila.x.vieira89@gmail.com;

3 Mestranda pelo curso PPGECEM da Universidade Federal de Pelotas - RS, paulageraldopereira@gmail.com;

4 Professora orientadora: Doutora, Universidade Federal de Pelotas - RS, silveiradenise13@gmail.com;



INTRODUÇÃO

A Educação Financeira, no contexto da Reforma do Ensino Médio e da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), é frequentemente abordada a partir de um viés pragmático e individualista. O presente relato propõe uma ruptura com essa visão instrumental, apresentando uma intervenção pedagógica que insere o letramento financeiro no campo ético e social. A justificativa desta prática reside na premissa de que a educação em escolas públicas deve transcender o mero cálculo aritmético para alcançar a compreensão das estruturas de desigualdade que moldam o cotidiano e o consumo no Brasil.

O objetivo central desta intervenção foi desafiar os estudantes a simular a gestão de um orçamento familiar de R\$ 600,00 destinados à subsistência (alimentação e higiene) de um núcleo de cinco pessoas durante um mês. O teto orçamentário foi deliberadamente estipulado com base no valor mínimo do benefício de transferência de renda do Governo Federal (Programa Bolsa Família), visando aproximar a atividade escolar da realidade socioeconômica de extrema vulnerabilidade vivida por muitas famílias brasileiras.

Realizada em caráter interdisciplinar, articulando os componentes de Educação Financeira e Projeto de Vida, a atividade ocorreu em uma escola pública estadual na cidade de Pelotas/RS. A proposta buscou fomentar o conflito cognitivo, permitindo que os discentes confrontassem suas projeções subjetivas de consumo com a materialidade inflacionária do mercado local. Diante desse contexto, este estudo buscou responder à seguinte questão de pesquisa: Como a simulação da escassez pode contribuir para o desenvolvimento de uma educação financeira crítica no Ensino Médio, e de que maneira os discentes agem e se posicionam diante desse desafio?

METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência pedagógica, focado na descrição e análise reflexiva de uma intervenção didática realizada no contexto escolar. A atividade foi desenvolvida como parte do planejamento regular da disciplina, sem caráter de pesquisa científica com seres humanos, estando em conformidade com as diretrizes éticas da Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS). Todos os relatos expostos ao longo do texto preservam o absoluto anonimato e a integridade dos discentes.

A prática estruturou-se sob os preceitos metodológicos da aprendizagem baseada em problemas (*PBL*) e foi conduzida pela postura reflexiva docente inspirada nos ciclos da



pesquisa-ação. Segundo Tripp (2005), a pesquisa-ação, enquanto ferramenta pedagógica, destaca-se como uma estratégia fundamental para a melhoria contínua do ensino, enfatizando o papel investigativo do professor na transformação de seu próprio contexto educacional.

A intervenção foi realizada ao longo de cinco semanas, envolvendo aproximadamente 173 estudantes distribuídos em sete turmas da 1ª série do Ensino Médio, com faixa etária média entre 15 e 16 anos. A prática ocorreu nas disciplinas de Educação Financeira e Projeto de Vida, em uma escola de modalidade de Tempo Integral. A arquitetura da proposta foi desenhada em cinco etapas sequenciais.

A primeira etapa consistiu na divisão dos discentes em grupos colaborativos de cinco integrantes. Solicitou-se que cada equipe elaborasse um perfil sociodemográfico fictício para o núcleo familiar, definindo o nome da família, a faixa etária dos membros e suas necessidades. Tal estratégia operou como um dispositivo de empatia, humanizando o cenário matemático.

Estabelecidos os perfis, os grupos foram submetidos ao teto orçamentário estrito de R\$ 600,00 mensais (baseado no piso dos benefícios sociais do Governo Federal). A alocação de recursos deveria contemplar três categorias de subsistência: alimentação básica (segurança alimentar e nutricional); higiene pessoal (saúde individual); e higiene doméstica (manutenção do ambiente).

A terceira etapa deslocou o eixo da aprendizagem para o território. Os discentes realizaram uma pesquisa empírica *in loco* em estabelecimentos comerciais locais de Pelotas/RS. Munidos de suas listas, conduziram um levantamento de preços registrando valores nominais, marcas, promoções vigentes e unidades de medida, forçando o letramento financeiro em tempo real.

Após a coleta, as equipes retornaram à sala de aula para o tratamento das informações e a confecção de suportes visuais. Foram elaboradas tabelas orçamentárias detalhadas em cartazes, cruzando o item, a quantidade adquirida, o valor unitário e o custo total.

A culminância metodológica ocorreu por meio de seminários socializadores. Cada grupo apresentou o perfil identitário da família, a justificativa para as escolhas de consumo do "rancho" e o balanço financeiro final, demonstrando se houve superávit ou déficit e relatando como agiram diante do desafio da escassez.

REFERENCIAL TEÓRICO



A fundamentação teórica desta intervenção articula-se em três eixos principais: a transição de uma Educação Financeira instrumental para uma perspectiva crítica; a contribuição da Educação Matemática para a leitura de mundo; e a interseção entre vulnerabilidade social e o componente curricular de Projeto de Vida.

A inserção da Educação Financeira como tema transversal (BRASIL, 2018) levanta um debate sobre qual modelo de letramento a escola pública deve promover. Tradicionalmente, o ensino das finanças tem sido pautado por uma racionalidade focada na exaltação da poupança e do investimento (SILVA; POWELL, 2013). Nesse modelo hegemônico, ensina-se o aluno a gerir recursos como se todos partissem das mesmas condições materiais. Em contraponto, esta intervenção filia-se à Educação Financeira Crítica (EFC). Nessa vertente, o objetivo é desvelar as estruturas econômicas que produzem a escassez, pressupondo que o comportamento de consumo não é apenas uma escolha, mas uma imposição das condições de classe.

Para sustentar a análise metodológica, recorreremos à Educação Matemática Crítica, desenvolvida por Ole Skovsmose (2001). Para o autor, a matemática possui um "poder formatador" na sociedade; logo, seu ensino deve capacitar o estudante a reconhecer como os números organizam, limitam ou oprimem a vida social. A experiência dialoga intrinsecamente com a *Pedagogia do Oprimido* de Paulo Freire (1987). A "leitura de mundo", neste caso, precede a leitura dos números. Ao investigar o poder de compra real no supermercado, os discentes realizam uma leitura crítica da realidade inflacionária, sendo este conflito o motor da aprendizagem.

O Projeto de Vida exige, impreterivelmente, a compreensão do presente. Para juventudes em contextos de vulnerabilidade, o planejamento do futuro é atravessado pela urgência da sobrevivência diária. A interdisciplinaridade unindo Educação Financeira e Projeto de Vida justifica-se pela necessidade de ancorar os planejamentos dos estudantes na materialidade do seu território (em Pelotas/RS). O letramento para o consumo crítico torna-se uma habilidade de resistência, impedindo que a escola atue como mera reprodutora das assimetrias sociais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A transição do planejamento hipotético para a pesquisa de preços empírica revelou nuances profundas sobre a relação dos jovens com o consumo, a escassez e a economia doméstica, respondendo diretamente à reflexão norteadora proposta por este relato.



Diante do teto orçamentário de R\$ 600,00 para cinco pessoas, a reação hegemônica inicial entre as sete turmas foi de incredulidade. Os discentes, em sua maioria, categorizaram a tarefa como "impossível". Contudo, a práxis atingiu seu ápice analítico através da intervenção de uma discente. Ao confrontar o ceticismo dos colegas, ela relatou publicamente que o valor simulado constituía a exata materialidade da sua estrutura familiar, cuja sobrevivência dependia integralmente da renda proveniente de sua avó.

Sob a ótica teórica freireana, este episódio desestabilizou as certezas dos pares, transformando a sala de aula em um microcosmo da desigualdade. A matemática atuou como lente de espelhamento social. Os alunos, ao agirem diante desse choque de realidade, passaram a validar o saber experiencial da colega, inserindo a consciência de classe como um componente vital de seus Projetos de Vida. Esse espelhamento social ganha ainda mais densidade teórica quando analisado à luz da Etnomatemática, concebida por Ubiratan D'Ambrosio (2011). Para o autor, a matemática não se resume a um corpo de conhecimentos neutro e acadêmico, mas constitui um conjunto de práticas forjadas por diferentes grupos culturais e sociais na busca por sobrevivência e transcendência. Quando a discente relata publicamente que o teto orçamentário simulado representa a materialidade de sua própria estrutura familiar, ocorre a legitimação de um saber matemático construído no cotidiano da restrição de renda.

Sob a perspectiva etnomatemática, a gestão de R\$ 600,00 para cinco pessoas deixa de ser vista apenas como um desafio escolar ou um "cálculo impossível", passando a ser reconhecida como uma complexa tecnologia de sobrevivência operada diariamente por famílias em situação de vulnerabilidade. Ao deslocar o eixo de aprendizagem para o território e para a pesquisa empírica, a intervenção rompe com o modelo de uma Educação Financeira hegemônica, tradicionalmente focada na exaltação de investimentos inatingíveis para essas realidades. Dessa forma, a prática valoriza o conhecimento de mundo dos estudantes e demonstra a urgência de um letramento ancorado na vivência real do aluno.

O segundo eixo analítico emergiu quando um dos grupos adquiriu ficticiamente 19 quilos de cebola, justificando a escolha exclusivamente pelo fato de o produto estar "em promoção". Este evento desnuda a diferença estrutural entre a alfabetização matemática básica e o letramento financeiro crítico. Para compreender essa dinâmica, é profícuo o diálogo com as contribuições sociológicas de Zygmunt Bauman (2008), particularmente em sua análise sobre a sociedade de consumidores. Na chamada "modernidade líquida", os sujeitos são frequentemente seduzidos por estratégias mercadológicas que prometem vantagens imediatas, transformando o ato de comprar em um impulso descolado da necessidade real.



cotidiano , enquanto o episódio dos 19 quilos de cebola evidenciou a urgência de um letramento para o consumo crítico, atento à logística, à nutrição e à resistência frente às seduções mercadológicas.

Conclui-se que a escola de Tempo Integral, ao promover essa prática pedagógica, não apenas faz com que os 173 jovens exercitem operações matemáticas complexas, mas os ensina a ler o mundo através dos números, reconhecendo que o conhecimento válido também brota de suas vivências e lutas diárias. A educação cumpre, assim, o seu papel ético de formar sujeitos capazes de compreender assimetrias sociais e planejar seus projetos de vida com lucidez e responsabilidade.

AGRADECIMENTOS

À comunidade escolar, à gestão da instituição e, em especial, aos estudantes da 1ª série do Ensino Médio de Pelotas/RS, cuja coragem em investigar e compartilhar suas realidades transformou esta intervenção pedagógica em um genuíno ato de resistência e aprendizado coletivo.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <https://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=79601-anexo-texto-bncc-reexportado-pdf-2&category_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 27 ago. 2025.

TRIPP, David. **Pesquisa-ação: uma introdução metodológica**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.

SILVA, A. M.; POWELL, A. B. **Um programa de Educação Financeira para a Matemática Escolar da Educação Básica**. In: ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, 11., 2013, Curitiba. Anais... Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2013. p. 1-17.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

SKOVSMOSE, Ole. **Educação Matemática Crítica: questões, tendências e perspectivas**. Campinas: Papyrus, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.



D'AMBROSIO, Ubiratan. **Etnomatemática: elo entre as tradições e a modernidade**. 4. ed. 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

